

Brasília insultada

MARCELO CÂMARA (*)

Brasília ainda não tem uma Cultura, na plenitude antropológica do conceito, com todas as fontes, significados e formas de realização nitidamente perfilados, identificáveis. Entretanto, no campo das artes em particular, se também ainda não temos criações e criadores filhos legítimos dessa cultura em formação, podemos nos orgulhar da convivência com personalidades de primeira grandeza, que, integrados a essa multifacetária e peculiaríssima sociedade, adotando o lugar como terra, vêm produzindo aqui e mostrando Brasília para o mundo.

Cláudio Santoro é um desses nomes maiores, que amam essa cidade e a quem Brasília muito estima. Instrumentista, regente, compositor, professor, Santoro é um dos maiores patrimônios vivos — e ativos — da Cultura Brasileira. Outros já diriam: da Arte, da Cultura Universal. E com razões. Mestre consumado, autor de extensa, variadíssima e brilhante obra musical e pedagógica, que percorre todas as formas, consagrado em todo mundo, ele é visto como um criador, um "Operário da Humanidade e da Paz", que não pode estar cingido a fronteiras, escolas ou siglas. Músico desde os doze anos, Santoro teve sólida formação, chegando precocemente e com muitos louvores, à pós-graduação acadêmica de Regência e Composição, fazendo estudos de aperfeiçoamento com grandes mestres, aqui e no exterior, onde começou a ganhar prêmios a partir dos anos quarenta e a ter o seu gênio reconhecido universalmente. Em 1953, a sua obra "Canto de Amor e Paz" recebeu o Prêmio International da Paz, concedido pelo Conselho Mundial da Paz (Viena, Áustria). Santoro fundou, dirigiu e regeu grandes orquestras no Brasil e no exterior, leciona há cinquenta anos, criou e dirigiu instituições artísticas e de ensino, aqui e em diversos países. Comprometido com o seu tempo, o autor de "Música para cordas" sempre se mostrou um renovador na Arte Musical e um pensador na Estética, participando dos principais movimentos da Música Brasileira. Contém por aí e a ultrapassando-os, vislumbrando logo novos horizontes, na incessante busca de valores e práticas

universais, com a alma brasileira, sem jamais renunciar à sua condição de brasileiro, ou se alienar da realidade nacional. Universal, humanista, brasileiríssimo, Santoro sempre se apresentou como uma vanguarda lúcida, original e inventiva, rejeitando limitações, sectarismos ou posturas nacionalóides. Sua obra, admirada e estudada em todo o mundo, está quase toda editada e gravada no Brasil e no exterior, onde, depois de Villa-Lobos (que foi seu regente e amigo), é o compositor brasileiro mais conhecido, solicitado e executado. Por isto o mundo o tem como um dos maiores compositores desse século, o aplaude e o reivindica, a toda a hora.

O brasileiro Cláudio Santoro, amazonense e "cidadão do mundo", é também um brasiliense de raízes. Sua cidadania, seu trabalho, sua arte, sua vida tange, com muito brilho e felicidade, a história e o presente dessa cidade, e ilumina os caminhos e céus que estão por acontecer. De 1962 a 65, o autor das "Paulistanas" viveu aqui. Nesse período, criou e dirigiu o Departamento de Música da UnB, a Divisão de Música da Fundação Cultural, a Escola de Música de Brasília e fundou a orquestra de Câmara da UnB — em suma, tudo o que temos no setor. Em 1978, depois de muito trabalho e de muito sucesso em vários países da Europa (na Alemanha por quase dez anos), definitivamente consagrado, Santoro e sua família retornam ao Brasil, e escolhem Brasília para viver. Ele quer prosseguir no seu fazer e doar-se musicais, que é luta e é toda a sua vida. Volta para ensinar Composição e Regência na UnB, e funda as Orquestras de Câmara e Sinfônica do Teatro Nacional de Brasília, onde é atualmente o Diretor Artístico e Regente Titular. Santoro é, sem dúvida, o maior compositor brasileiro vivo, e, para nossa felicidade, o grande personagem da vida cultural de Brasília, nome que deu, inclusive, a uma de suas treze Sinfônias. Humilde e sábio, tem realizado, com muita competência, fecundas missões e feito conquistas admiráveis em favor da Cultura em nossa Capital.

Leio nos jornais dos últimos dias que esse mesmo artista de 69 anos, grandioso em um metro e sessenta de simpatia e ternura, um trabalhador sem férias da nossa Cul-

tura, aplaudido e requisitado em todo o mundo, brasiliense pelo sentimento e pelo trabalho, vem sendo insultado e agredido porque é honrado, porque tem entregue todo o seu talento e capacidade, todas as suas horas de mestre e criador à arte musical, à Cultura, nessa Brasília. São insinuações levianas, acusações sem provas, julgamentos tortos que não se aplicam, nem de longe, em nenhum espaço ou momento, à personalidade inteira, ao caráter lúcido, ao comportamento reto, ao homem cidadão e profissional Cláudio Franco de Sá Santoro. Não se sabe quais os motivos patológicos ou criminosos que têm levado o detrator a tais façanhas. O certo é que todos os que conhecem, sentem e vibram com o esplêndido trabalho de Santoro na UnB e no Teatro Nacional, e em outras tarefas que ele abraça, estão chocados. Estão também se sentindo agredidos pelos doentes que partem do ódio ou da incompetência ou da neurópia de alguns. Se há dúvidas quanto à honradez e honestidade do Maestro, ou se há questionamentos sobre o seu trabalho — que a razão e a hombridade façam um discurso claro e consistente, verdadeiro como é toda a obra de Santoro.

O maestro Cláudio Santoro, sua família, seus músicos, seus alunos, seus amigos, todos os artistas, todos os produtores e divulgadores culturais desse País, todo o público brasileiro está estarrado com a arquitetura sórdida, que somente os desvios de personalidade, a insensatez e a irresponsabilidade podem construir, levando à mentira, à intriga, à calúnia e a outros crimes. Manuel Bandeira e Vinícius de Moraes, seus parceiros de criação musical, estão tristes. A Cultura Brasileira está ferida com tanta ignomínia. Brasília, lugar de Cláudio Santoro, está indignada, e sofre, e deplora, e se revolta. Porque foi insultada na pessoa do seu maior e mais fiel artista. Santoro não precisa de advogados para a sua vida, que é pura e limpa "dedicada à música e ao meu País", como ele próprio disse há dias. Seria como procurar defensores para a poesia de Quintana ou estetas para justificar a beleza do Rio. Brasília conhece o seu Maestro.

(*) Marcelo Câmara é jornalista, crítico e escritor.